

DORA

Sue Duffy

– Meu telefonema é a respeito da senhora que apareceu no jornal de hoje - eu comecei a dizer.

- Eu gostaria de me apresentar como voluntária. Eu não costumava responder a artigos dessa natureza. Era muito mais fácil fazer uma pausa, orar pelos menos favorecidos e continuar a leitura do jornal. Mas, desta vez, o Senhor parecia dizer: "Vá."

Ela era uma viúva idosa, quase cega. Sua casa não tinha água corrente, o banheiro havia afundado por causa do piso apodrecido, e a varanda estava se separando da casa. Também havia ratos. Um vizinho zeloso, que descobrira a situação caótica daquela senhora idosa, havia organizado uma força-tarefa para consertar a casa, e o jornal noticiara o acontecimento.

Na manhã seguinte, entrei na sala de estar de uma casa que um dia havia sido suntuosa. As portas em estilo francês da sala de jantar estavam penduradas nas paredes manchadas. Janelas altas, um cômodo ensolarado e duas lareiras "evocavam", com orgulho, algum importante construtor perdido no passado. Os móveis estragados estavam enfeitados com flores de plástico empoeiradas em cima de toalhinhas amareladas e bugigangas compradas em lojas de pechincha.

Quando entrei no quarto, quase não a enxerguei. Ela estava em pé, encostada na parede. Olhos desfocados por trás de lentes grossas movimentavam-se rapidamente como se estivessem buscando um sentido para o que viam. Cabelos encaracolados e grisalhos caíam sobre seu rosto pálido. Seu corpo estava curvo, e sua estrutura era franzina. Suas roupas estavam rasgadas e manchadas.

O nome dela era Dora. Tinha 79 anos.

Tentei conversar com ela, mas fui tomada por um súbito sentimento de piedade. De repente, a voz de Deus parecia murmurar em meus ouvidos: Ela é minha filha. Você deve anuí-la. É por isso que você está aqui.

- Dora, você permite que eu volte amanhã para pintar as paredes da casa? - eu perguntei, em voz alta e devagar, como se estivesse falando com uma pessoa um pouco surda.

O que há de errado comigo?, eu me censurei. A última coisa de que essa senhora necessitava era ser ofendida por uma benfeitora.

- Por mim, tudo bem - ela disse, em voz baixa.

No dia seguinte, enquanto raspava a tinta dos vidros de uma janela alta, eu me perguntava como seria possível viver com tanta falta de recursos. Que existência patética, eu estava pensando quando ouvi Dora entrando no quarto.

- Obrigada pela ajuda - ela disse. - Acho que não tenho conseguido cuidar bem de minha casa.

Ela parecia lúcida.

- Há quanto tempo a senhora mora aqui? - perguntei.

- Mais ou menos 35 anos.
- Acho que a cidade mudou muito. - Uma pobre tentativa de continuar a conversa.

- Hoje de manhã, eu li no Wall Street Journal uma notícia sobre a bolsa de valores do Japão - ela disse repentinamente.

- Como assim? O que ela disse?

- A bolsa de valores do Japão - ela prosseguiu. - Acho fascinante acompanhar a subida e a queda das ações ao redor do mundo.

Sem saber o que dizer, calei-me por alguns instantes.

- A senhora lê o Wall Street Journal? - perguntei, incrédula.

— Leio — ela respondeu. — Leio também o New York Times. Eu compro esses dois jornais em braile.

Fiquei feliz por ela não poder ver a expressão de meu rosto.

— É incrí... quero dizer, é maravilhoso. Eu não sabia que esses dois jornais eram editados em braile.

Mas eu estava pensando: Néia posso acreditar que a senhora tenha algum interesse no Wall Street Journal e muito TM 'MJ que compreenda o que lê.

— Ah, sim. A Comissão dos Cegos me envia todos os meses os livros e as revistas de minha preferência. Uma das revistas publica minhas poesias.

— Publica suas poesias?

Eu já havia descido da escada. Quem é esta pessoa que me deste para cuidar, Senhor? O que significa isso?

Naquele dia, concentrei-me mais em Dora do que no pincel. Eu estava muito constrangida para fazer perguntas em demasia e não queria mergulhar de maneira tão profunda em seu intelecto. Mas ela estava ansiosa por falar. Devia fazer muito tempo que ela não tinha uma oportunidade assim para conversar com alguém.

Dora falou sobre as tribos nômades do Oriente Médio e sobre a maneira como os beija-flores se alimentam.

— Existe muita coisa para aprender neste mundo — ela disse. —Tento estudar uma coisa diferente por dia.

Ela me perguntou se eu gostava de beisebol. Dora não perdia nenhum jogo pelo rádio e sabia a média de rebatidas da maioria dos jogadores da liga de beisebol.

— Você sabe alguma coisa sobre coqueluche? — ela perguntou mais tarde naquele mesmo dia.

Depois, o assunto mudou para a política russa. O conhecimento jorrava com força de seu reservatório mental.

Enquanto eu trabalhava, Dora recitou suas poesias. Eram delicadas, profundas e ternas.

Falta de recursos? Foi isso o que pensei desta mulher? Incapaz de cuidar de si mesma? Na verdade, ela não tinha condições de manter sua casa. Mas seu conhecimento era meticulosamente aprimorado.

Depois de terminada a pintura da casa, não pude ausentar-me por muito tempo. Dora necessitava de mim — para levá-la ao médico, para

buscar frutas no mercado, para apagar a luz do forno, para comprar pilhas para seu rádio relógio, para ajudá-la a lavar roupas. Mas, na realidade, eu é que necessitava dela e de sua maneira de encarar a vida.

Que ironia, pensei, eu conseguir enxergar tantas coisas por meio dos olhos quase cegos dessa mulher. Nela, eu via alegria desvinculada de circunstâncias – um espírito sem compromisso com o elogio dos outros.

Quando duas casas históricas da região foram abertas para os turistas, levei Dora para ver, quanto fosse possível, as ricas tapeçarias, quadros, antiguidades e jardins. Por não ser totalmente cega, ela tinha condições de reconhecer formas, desenhos e cores.

Ela sentiu a grandeza da casa e absorveu-a com gratidão. Tocou cada peça. Trajando uma roupa de cores variadas, que não combinavam entre si, e um boné vermelho e branco, ela apoiou-se em meu braço enquanto eu a levava de cômodo em cômodo. Os olhares das pessoas eram implacáveis. Fiquei feliz por Dora não poder vê-los.

Dora não está muito certa a respeito de Jesus. Já leu muitos escritos contraditórios. Mas a orientação que Paulo nos dá em Colossenses é clara: "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas."

Ajudar Dora a distinguir entre o que é Falso e o que é verdadeiro constitui um desafio para mim. Oro pedindo a orientação de Deus.

Recentemente, quando Dora foi levada para uma casa de repouso por ter fraturado o quadril, eu li para ela *O refúgio secreto*. A autora, Corrie ten Boom, falou ao coração de Dora de uma forma que eu não conseguia. Dora assustou-se diante dos horrores da crueldade nazista. Chorou por Corrie e Betsy, quando elas lutaram para levar a luz de Jesus à escuridão do campo de concentração.

Foi difícil para Dora acreditar que aquela história era verdadeira. Mas, depois, ao ouvir a voz de Corrie ten Boom na fita cassete que lhe ofereci de presente, Dora exclamou, surpresa:

– Ela e' real.

Não existe fita cassete com a voz do Senhor. Mas, quando oro por Dora, tenho certeza de que Ele falará com ela, e ela finalmente exclamará:

– Tu és real.

Agora compreendo a curiosa necessidade que senti de ligar naquela manhã para o número mencionado no jornal. Por certo, o Senhor teria cuidado de Dora sem mim. Mas quanta coisa eu teria perdido se Ele tivesse me deixado de fora!

Não comece o concerto sem antes afinar seus instrumentos.

Inicie cada dia na companhia de Deus.

JAMES HUDSON TAYLOR